

CRIAÇÃO: A LUTA CONTRA O CAOS

Paulo Roberto Rückert¹

Resumo: A atividade criadora de Deus é a luta contra o caos. Para se referir ao caos, o Antigo Testamento emprega uma terminologia própria de sua época e de seu contexto, que é o Antigo Oriente, mencionando o mar, o dragão, *Leviatan*, *Behemoth*, *Rahab*. Deus criou, continua criando e conduz a sua criação ao *telos* (objetivo final). A criação é contínua, pois o caos pode retornar, principalmente na forma de catástrofes da natureza. Como imagem de Deus, o ser humano é chamado a administrar a criação, que lhe é confiada. A criação é o início da redenção. E a redenção é a plenitude da criação. Derrotando as forças do caos, Deus quer estabelecer o seu reino. Jesus combateu o caos, quando ameaçou ao vento e ordenou ao mar que se calasse. Ele curou doentes, devolveu a vida aos mortos e caminhou sobre o mar. Enquanto o caos pode retornar, Deus nos concede forças para lutar contra as forças desintegradoras da vida.

Abstract: The creative activity of God is the fight against chaos. To refer to the chaos, the Old Testament employs a terminology of their own time and context, which is the ancient Middle East, citing the sea, the dragon, Leviathan, Behemoth, Rahab. God created and continues to create its creation leads to *telos* (ultimate goal). The creation is continuous, as the chaos can return, especially in the form of catastrophes. As image of God, man is called to manage the creation, entrusted to it. Creation is the beginning of redemption. And redemption is the fullness of creation. Defeating the forces of chaos, God wants to establish his kingdom. Jesus fought the chaos when he threatened to wind and ordered the sea to be quiet. He healed the sick, restored life to the dead and walked on the sea. While chaos may return, God gives us strength to fight against the disintegrative forces of life.

Introdução

Os primeiros capítulos de Gênesis relatam que Deus criou os seres vivos "segundo sua espécie". O capítulo 3 tornou-se clássico, para ilustrar as conseqüências da desobediência dos humanos. A gravidez tornou-se penosa, o solo maldito e o trabalho árduo. E nos habituamos a ver nesse ato de desobediência a origem do mal no mundo. É a

* Pastor Luterano, formado pela Teologia na Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, RS. Filosofia na Pontifícia Universidade Católica, Belo Horizonte, MG. Pós graduação em Docência do Ensino Superior na Universidade Candido Mendes, Vitória, ES. E Psicanálise na Sociedade Latino-americana de Psicanálise Clínica (Slapsic), Vitória, ES.

conclusão que obtemos, quando lemos esse capítulo isoladamente e a partir de uma dogmática preestabelecida.

Esse procedimento se perpetuou ao longo dos séculos e suscitou dois questionamentos para as pessoas que não se satisfazem em apenas repetir doutrinas.

1. Podemos atribuir a um ato de desobediência dos humanos a causa de todas as catástrofes da natureza, como maremotos, terremotos e desequilíbrios climáticos?
2. Como a resposta tem sido afirmativa, então resta-nos lamentar que o projeto criacional de Deus tenha sido tão frágil a ponto de não suportar uma contrariedade. Bastou uma desobediência e a criação toda ficou distorcida. Todo empreendimento precisa contar com uma margem de tolerância diante de dificuldades previsíveis.

Paul Tillich se posiciona com clareza: "A doutrina da criação não é a história de um evento que aconteceu 'uma vez antigamente'. É a descrição básica da relação entre Deus e o mundo" (*Teologia Sistemática* p. 212).

Emil Brunner também afirma que a criação não se restringe a um evento ocorrido no passado, que fez "existir nas obscuras idades da pré-história o Adão criado à imagem de Deus, mas sim um evento que faz existir a mim e a todos os outros".

"Acima de tudo, por essa nova formulação tornar-se-á claro que, quando falamos a respeito da origem do homem, não estamos falando de um certo homem chamado Adão, que viveu muitos milhares de anos atrás, mas de mim mesmo, de você, de qualquer pessoa no mundo. Somente assim a doutrina cristã cessará de ser uma metafísica má, pois em sua velha forma histórica, foi, sem o querer, uma metafísica da história, e, assim, uma teologia errada".

"Para a nossa geração, o fato dessa narrativa não ser mais crível historicamente, significa que desapareceu completamente o poder convincente dessa doutrina imposta, que dominou o pensamento da Europa por quinze séculos e, embora modificada de diferentes maneiras, tem formado a sólida substância da doutrina do pecado de todas as igrejas cristãs. Para a maioria de nossos contemporâneos, Adão é uma espécie de figura lendária: não pode mais ocupar o lugar

no pensamento das gerações que se sucedem como uma força histórica”.

“Não é algum ser humano que viveu em uma era pré-histórica, distante e ofuscada, que é o Adão criado à imagem de Deus: é você, sou eu, é todo mundo”. (Brunner, *O homem em conflito consigo mesmo*, citado por Braaten & Jenson).

Colocadas as dificuldades que essa doutrina traz em seu bojo, **analisemos Gn 1:1-2**. Deus criou “os céus e a terra”. É uma referência ao universo em sua totalidade. Os céus são a dimensão invisível e incompreensível; a terra é visível e compreensível. O céu é a morada do Criador e a terra é habitada pela criatura (Gn 14:19-22; Sl 115:15; 121:2; 124:8).

A tarefa da pesquisa teológica é fazer permanentemente uma releitura da Bíblia. Quando o leitor da Bíblia se habitua com determinados textos, considerando-os de fácil interpretação, convém reler os mesmos em outra tradução. Observemos a tradução de Gn 1:2 apresentada na *Bíblia do Peregrino*: “A terra era um caos informe; sobre a face do abismo, a treva. E o alento de Deus revoava sobre a face das águas”.

Precisamos reler o texto, para captarmos efetivamente a sua mensagem. Esse texto tão conhecido quer nos transmitir esta mensagem: **antes da criação havia somente um caos**, onde não existia uma distinção entre escuridão e luz, água e terra. São vários os textos do AT que declaram que o caos se assemelhava a águas ameaçadoras (Jó 3:8; 7:12; 38:8-11; Sl 65:8; 74:14-15; 89:10-11; 104:6-9; 107:29; Is 17:12; 51:9-10; Jr 4:23; 5:22; 10:11-13; Mt 8:26-27). Deus estabeleceu uma separação entre as águas de cima do firmamento e as águas de baixo. A partir do caos primitivo formaram-se os mares (Sl 18:15; 24:2). Pode-se concluir que a situação primordial era a desintegração, o vazio, o caos. O estado do mundo antes da criação é caracterizado pela ausência de vida e do tempo.

O relato apresenta dois princípios dinâmicos: o sopro de Deus e a Palavra. O alento de Deus transforma o caos em cosmo. Deus criou o universo por meio de sua Palavra. A ordem divina se cumpre, e a criação coincide com o pensamento e a vontade de Deus (Sl 33:6-9; 148:5; Is 48:13; 55:10-11; Hb 11:3). Para distinguir o agir de Deus, o texto emprega o verbo hebraico *barah* (criar). Somente Deus é o

sujeito desse verbo, que é empregado quarenta e quatro vezes no AT.

A partir das trevas e do caos foi estabelecida a boa ordem entre luz e escuridão, dia e noite. A partir da alternância entre claridade e escuridão surge a noção do tempo. Deus criou primeiro o tempo ("anoiteceu e amanheceu, o primeiro dia"), e então o espaço (em cima, embaixo, terra e mar). Deus viu que a luz é boa. O caos ficou de lado. Mas ele pode retornar, pois o dilúvio é um exemplo da volta do caos (Gn 7:11).

Deus luta contra o caos e condena todas as forças desagregadoras. Para o antigo hebreu, a realidade é concreta e sensível. Ela tem forma, cor e medida. Ao mencionar um deserto vazio e sem forma, ele está se referindo a algo que é a negação da realidade conhecida. Esse deserto é a expressão da ausência de Deus.

"Em hebraico: *tohû* e *bohû*, "o deserto e o vazio", expressão que se tornou proverbial para toda falta de ordem, sobretudo quando é considerável. Esses termos, assim como o de "águas", formam um quadro negativo em relação ao qual aparecerá a novidade da intervenção do Deus pessoal criando tudo por sua palavra. Esse versículo descreve a situação de caos que precede a criação (2,5)" (*Bíblia de Jerusalém*, comentando Gn 1:2).

A nossa convivência com o caos foi muito bem descrita por Rubem Alves, que também salientou a importância do vocábulo hebraico *dabar*, a Palavra.

"Sabe-se que o mito bíblico é muito influenciado pelo poema épico babilônico *Enuma Elish*. Ele se inicia com uma descrição do caos primitivo, quando Ápsu, o abismo primordial, a origem dos deuses e amante de Tiamat, o mar, que deu à luz todos eles, ainda misturavam suas águas uma com a outra. Ápsu e Tiamat formam, juntos, a realidade teogônica e cosmogônica que, pela misteriosa união de elementos masculinos e femininos, cria a totalidade do ser: os deuses, o mundo e a raça humana. O mito bíblico modifica esta trama, ao colocar o abismo e o mar, personificações de caos, de início, como matéria-prima nas mãos de um princípio de ordem. A terminologia do verso 2 do capítulo 1 de Gênesis é muito significativa. 'A terra era *tohu* e *bohû*'. A palavra *tohu* é provavelmente um eco do Tiamat babilônico; enquanto que *bohû* (que no Velho Testamento aparece invariavelmente ligado a *tohu*) pode ser uma forma de *Bau*, nome da deusa

fenício-babiloniana da noite e a mãe primordial do homem. No Velho Testamento estes termos significam 'vazio', 'sem valor', 'efêmero'. *Tohu* algumas vezes tem o mesmo sentido que *tehom* – o caos que jaz debaixo do mundo habitado. Mas o caos também se encontra sobre a terra, além da região dos homens. *Tohu*, portanto, é também o deserto, a terra de ninguém, o lugar amaldiçoado.

O quadro é sinistro. Envolvendo o belo mundo em que vivemos, que julgamos sólido e estabelecido, jazem as forças do caos. 'A terra era sem forma e vazia'. Podemos pensar algo a um tempo sem forma e vazia? Apenas o Nada. Mas não o Nada da matemática, simbolizado pelo zero ou pelo conjunto vazio. Trata-se de um poder, uma ameaça. 'Havia trevas sobre a face do abismo e um forte vento varria a superfície das águas (Gên 1,1-2). O abismo, as trevas, as águas, o vento forte: símbolos de destruição e morte. Não se trata de uma fotografia de tempos imemoriais. Como já observamos, o inconsciente não conhece o tempo. Poderíamos, portanto, traduzir o princípio temporal como a *arché* grega: o princípio ontológico, o fundamento da realidade. Se esta interpretação é correta, então o mito nos está dizendo que, por detrás e debaixo do mundo sólido em que vivemos, há um vazio, um abismo que escancara a sua boca, trevas que não permitem ver e o vento que engolfa o espaço nos seus turbilhões. O cosmos se constitui a partir de uma Palavra (Dabar) criadora, e uma vez cessada a Palavra, nada há que garanta a estabilidade do estável" (*O enigma da religião*, pp. 71-72).

O caos não é idêntico ao "nada", mas é a força bruta e insensível que pode ser observada nas ondas do mar. Quando o mar bate contra a costa, ele se assemelha a um monstro agitado dentro de sua jaula.

Para não destruir a terra, o caos está acorrentado. Para preservar sua criação, Deus acorrentou o caos. "Se Deus suspendesse o controle por um instante, o monstro cairia sobre nós e se ele escapasse, seguir-se-ia a destruição de tudo o que é real, de tudo o que é bom. As vagas estrondosas dos abismos não apresentam nada daquela forma, cor e medida, nada daquela vida que o vento de Deus inspira" (McKenzie, *Os grandes temas do Antigo Testamento*, p. 96).

Para o hebreu, a luta cósmica é real. A verdade mais importante é a supremacia absoluta de Deus sobre as forças do caos. O Criador do universo domina as forças da natureza.

Além de Gn 1:1-2:4a e 2:4b-25, **o AT apresenta outros textos que mencionam a atividade criadora de Deus:** Sl 8; 19:1-7; 93; 104; 147; Jó 28:25-28; 38-39; Pv 3:19-20; 8:22-31; Is 40:25-31; 42:5; 44:2.24; Jr 27:5.

O objetivo primordial desses textos não é descrever a maneira como o universo surgiu, mas testemunhar que Deus é o Criador e Senhor de toda a realidade existente. O autor de Hebreus soube expressar muito bem esse testemunho: "Pela fé, entendemos que o universo foi formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem" (11:3). É assim que devemos "entender" toda a dinâmica. Deus criou ordenando com sua Palavra (Sl 33:9).

A terra foi assentada firmemente sobre as águas (Sl 24:2). A massa de terra seca foi estabelecida sobre colunas (Sl 75:13; 104:5; Jó 9:6; Pv 8:29) com base nas profundezas do grande oceano subterrâneo (Sl 18:15). Os alicerces da terra são mencionados em Pv 8:29; Is 24:18; Mq 6:2; Sl 18:16; 82:5. O ser humano ignora o ponto de apoio dessas colunas (Jó 38:6). A terra foi forjada sobre as águas (Sl 136:6). As montanhas têm suas raízes nas profundezas das águas inferiores. E acima da abóbada celeste há um grande oceano (Gn 1:6-8), de onde provêm as chuvas (Gn 7:11). Sobre esse oceano se ergue o trono de Deus (Sl 104:3).

A agitação do oceano pode fazer a terra tremer (Sl 46:2-3; 75:4). Se o oceano engolir a terra, haverá um retorno ao caos primordial.

"Mais importante que a dependência cananéia é a expressão de uma experiência humana elementar. Diante da revelação de algo que fascina e intimida, o homem se sente surpreso; descobre no fenômeno natural, a tempestade, algo que a transcende e ultrapassa, que ameaça destruí-lo e promete libertá-lo. Esse tipo de experiência pode muito bem coexistir com uma mentalidade técnica em outros campos" (*Bíblia do Peregrino*, comentando o Sl 29).

O caos continua sendo mencionado no AT, sempre em situações de conflito. **O texto hebraico emprega diversos nomes para designar o caos:** *Leviatan*, *Behemoth*, *Rahab*. Para se referir ao caos, o AT emprega a terminologia, as ilustrações e os conceitos de sua época. Para se referir ao caos, o texto menciona a água e o abismo, que são representados pelas figuras do Dragão, *Leviatan*, *Behemoth*, *Rahab*. Na medida em que Deus derrota as forças do caos, a vida desponta. A água subjugada torna-se fonte de fertilidade.

Leviatan era a designação de um monstro marinho, que foi transpassado. O monstro, que foi abatido por Iahweh, tinha muitas cabeças (Sl 74:14). Em Is 27:1, o monstro é denominado de "dragão, serpente veloz, dragão, serpente sinuosa e o monstro que está no mar". Esse monstro representa o caos primordial e foi vencido por Iahweh por ocasião da criação. Na religião cananéia e entre os israelitas, esse monstro era a representação das forças do caos. Havia o receio de que ele pudesse despertar, "atraído por uma eficaz maldição contra a ordem existente. O dragão de Ap 12:3, que encarna a resistência do poder do mal a Deus reveste determinados traços desta serpente caótica" (*Bíblia de Jerusalém*). O dragão celeste (Jó 3:8) é um monstro sobre as nuvens, que devora a lua e escurece a noite. A superioridade de Iahweh é tamanha a ponto de ele poder brincar com o monstro marinho (Sl 104:26).

Behemoth é um monstro descrito com traços de hipopótamo (Jó 40:15-24). "Tentaram-se várias identificações desses dois monstros [*Behemoth* e *Leviatan*]; a identificação com o hipopótamo e o crocodilo é hoje a mais corrente; um hipopótamo descrito hiperbolicamente e um crocodilo com traços fantásticos. Os dois se carregam de valor simbólico: representam poderes sobre-humanos, hostis ao homem e à ordem do cosmo. (*Bíblia do Peregrino*). São dois espécimes da fauna do rio Nilo. "São duas encarnações de poderes maléficos que a arte egípcia reportava sempre juntos" (*Tradução Ecumênica da Bíblia*).

Raab é um monstro que representa as potências inimigas de Deus (Sl 87:4; 89:10). Ela é identificada com a babilônica *Tiamat*, que representa o mar. (Jó 9:13; 26:12; Is 30:7; 51:9). Com a divisão do mar, a cabeça dos monstros foi esmagada (Sl 74:13).

"Deus criou os grandes monstros marinhos" (Gn 1:21). "Os monstros marinhos são associados ao caos primordial (Is 27:1; 51:9; Sl 74:13; 148:7). São simples criaturas, como os astros", comenta a *Tradução Ecumênica da Bíblia*.

Na cosmologia antiga, o "oceano primordial" ou "abismo das águas" é uma designação da massa de águas que envolvem a terra seca: localiza-se debaixo da terra e acima da abóbada celeste. Por ocasião do dilúvio "jorraram todas as fontes do grande abismo e abriram-se as comportas do céu" (Gn 7:11). As fontes das águas das profundezas jorraram e as comportas do firmamento foram abertas. "As águas de baixo e

as águas de cima rompem os diques que Deus lhes pusera (1:7): é o retorno do caos”, comenta a *Bíblia de Jerusalém*.

Deus estabeleceu um limite para o mar (Sl 104:9), para que as águas não voltem a cobrir a terra. O oceano é o dragão submetido por Deus. Subjugado, ele se assemelha a um recém-nascido indefeso (Jó 38:8-11). O mar expressa agitação (Is 57:20; Am 8:8). Mas, Deus é mais potente que os vagalhões do mar (Sl 93:4).

Submetido por Deus, o mar deve obediência ao Criador (Pv 8:29), que colocou a areia da praia para servir de limite (Jr 5:22).

O oceano representa as forças rebeldes à soberania de Deus, mas o estrondo das ondas é reprimido (Sl 65:8). A soberba do monstro primordial é dominada (Sl 89:10). É a vitória sobre o caos.

Os fenômenos da natureza não estão fora de controle, pois inclusive “o vento de furacão” cumpre as ordens de Deus (Sl 148:8).

Os relatos bíblicos querem testemunhar que a criação é a luta de Deus contra a desintegração. Deus luta contra a destruição da vida. A criação acontece quando Deus derrota as forças do caos.

Para o israelita, o surgimento da terra habitável está em contraste com o deserto, onde se encontram os demônios (Sl 65:10-14; 89:11-12; Ez 45:18).

Toda a dinâmica da criação é atualizada, quando o Dragão derrotado é identificado com o Egito histórico (Is 30:7; Sl 87:4; Jó 26:12). Há uma unidade entre a criação nos tempos primordiais, a criação do povo mediante a libertação do Egito, a renovação da criação no culto (Sl 95:3-6; 96:4-10; 100:3) e a restauração com o retorno do exílio na Babilônia, o que é expresso na grande festa da primavera, a Páscoa.

O povo teve com Iahweh experiências marcantes, como a libertação do Egito e a revelação no Sinai. O Deus Libertador também passou a ser visto como o Deus Criador. Afinal, aquele que se mostrou poderoso para libertar o povo, também pode lutar contra o caos. Iahweh venceu o dragão e luta para preservar o mundo. Portanto, Iahweh atua na história e na natureza. Seu âmbito de atuação é o universo inteiro.

No Dêutero-Isaías (40-55), a fé no agir criador de Iahweh tornou-se a convicção de um novo agir salvífico na história (44:24-27; 40:12-17; 40:21-24; 40:27-31).

A fé dos israelitas se depara com dois movimentos: a experiência com o agir libertador de Iahweh levou-os a compreender seu poder para criar o mundo; por sua vez, o Criador pode criar uma realidade nova na história, libertando o povo do exílio na Babilônia.

"Assim como formou a luz e 'criou' as trevas, do mesmo modo Javé também efetuará salvação e desgraça na história (Is 45.7). Com isso a teologia é confrontada com a pergunta se ela pode restringir o conceito da criação ao começo do mundo, ou se deverá interpretá-lo como expressão do agir criador de Deus na história do mundo por excelência. Os testemunhos bíblicos de Deus como criador se caracterizam pela tensão entre os dois aspectos" (W. Pannenberg, *Teologia Sistemática*, volume 2, p. 40).

A criação aconteceu e continua acontecendo. A luta contínua de Deus contra as forças de destruição é permanente (Sl 96:11-13). O Deus Criador é um Deus vivo, continuamente em atividade. "A idéia de providência, portanto, vincula-se inseparavelmente à da atividade criadora de Deus como *creatio continua*" (Gustaf Aulén, *A Fé Cristã*, p. 162).

Deus manifesta sua atividade criadora com o nascimento de cada ser vivo.

"O relato sacerdotal da criação expressou de modo clássico para o tempo subsequente a concepção de que Deus não tem limites com seu agir criador. Isso acontece por meio da concentração da descrição na palavra de ordem divina como a única razão para a existência das criaturas" (W. Pannenberg, *Teologia Sistemática*, volume 2, p. 41).

Essa conclusão é corroborada por Paul Tillich.

"Já que a vida divina é essencialmente criativa, devem ser usados os três tempos do verbo para simbolizá-la: Deus criou o mundo, é criativo no momento presente e plenificará criativamente seu *telos*" (P. Tillich, *Teologia Sistemática*, p. 213).

E Deus criou o ser humano à sua imagem e semelhança. Assim como no Antigo Oriente, a imagem de bronze representava o próprio rei na área que abrangia o seu reino, também o ser humano é a imagem de Deus sobre a terra. O ser humano foi criado com a incumbência de

representar o senhorio de Deus. A dignidade do ser humano consiste na responsabilidade com que ele desempenha o domínio que lhe foi confiado. Nesse caso, "dominar" significa "administrar", "governar". O ser humano deve se relacionar - com a natureza e com seu semelhante - com a mesma dedicação e com o mesmo respeito que o Criador demonstra. É desse modo que o ser humano pode mostrar que é a imagem de Deus.

Deus estabelece uma aliança com o seu povo, pois o ser humano é chamado a ser um cooperador no processo da criação. O ser humano é chamado a integrar a criação com o seu trabalho (Sl 104:23). A criação é uma luta incessante. E o ser humano é convocado a participar nessa luta.

A criação do universo e também a história da humanidade são a expressão da luta contínua de Deus contra as forças desagregadoras do caos.

Brunner ressalta que as demais criaturas chegam a existir *através* da Palavra. E o ser humano vem à existência apenas *na* Palavra, sendo por isso chamado à responsabilidade (*A doutrina cristã da criação e da redenção*, citado por Ferreira).

Diante da Palavra de Deus todos os poderes de destruição precisam retroceder (Sl 29:8). A criação equivale à redenção: é a luta contra as forças inimigas da vida. A criação é idêntica à preservação (Sl 104:29-30). Toda a obra criada é ameaçada pelo caos, pelo retrocesso em direção ao nada. O universo necessita constantemente da preservação do Criador. Os Sls 29 e 93 apresentam a luta permanente de Iahweh com o mar. O poder irrestrito de Iahweh se expressa mediante uma ordem e também pela sua voz (Sl 29:3-9).

A criação é o início da redenção. E a redenção é a plenitude da criação. A vontade criadora de Deus se expressa como salvadora. Em luta permanente contra as forças do caos, Deus conduz a sua criação em direção a um alvo salvífico. Criação e redenção caminham para o mesmo objetivo: a eliminação definitiva de todas as forças desintegradoras do caos. Deus realiza a sua criação por intermédio da lei e a redenção, mediante o Evangelho.

Em sua luta permanente contra os poderes de destruição e de morte, Deus quer preservar a vida e transmitir bênção para a criação. "Os escritos bíblicos testificam amplamente que Deus também quer conservar o mundo que

criou" (W. Pannenberg, *Teologia Sistemática*, volume 2, p. 69).

Deve haver harmonia entre a estabilidade do universo e a prática da justiça (Is 24:5-6; Sl 82:3-5). Quando o ser humano se revolta contra a boa ordem da criação, ele abre espaço para a maldição. Deus se depara, então, com as forças do caos e com a desobediência do homem. O homem pecador pode conhecer Deus em sua manifestação de graça ou se depara com a ira, que é a reação divina contra a adversidade à boa ordem da criação (Ex 4:14; 21:11; Nm 11:1.10; 12:9; 25:3; 32:10; Dt 7:4; 11:17; 29:27; Jz 3:8; 10:7; 2 Sm 6:7; 24:1; Jó 42:7; Is 5:25; Zc 10:3).

"A apostasia do homem em relação a Deus não é algo que tenha acontecido uma vez por todas, que esteja passada e consumada; o homem está caindo nela continuamente. A contradição não é um desastre trágico, fatal, que tenha se dado antes de nós: é uma qualidade igualmente desastrosa dentro de nós" (*O homem em conflito consigo mesmo*, citado por Ferreira).

Em cada momento, o ser humano precisa se posicionar a favor ou contra a vontade de Deus. Cada momento tem um significado eterno.

"Não é exagero dizer que hoje o homem experimenta sua presente situação em termos de dilaceração, conflito, autodestruição, falta de sentido e desespero em todos os reinos da vida" (Paul Tillich, *Teologia Sistemática*, p. 49).

O jardim do Éden está em contraste com o deserto. Nesse ambiente aprazível, o homem pode passear com Deus. Éden significa "delícia" (Is 51:3 e Ez 31:8-9).

O paraíso deve ser entendido como um estado de paz e segurança. A partir do plano da criação, os humanos podiam gozar de intimidade junto a Deus. Podiam encontrá-lo e conversar com ele, quando ele passeava no jardim ao entardecer.

O paraíso expressa uma tendência humana: acreditamos que antigamente a realidade era melhor do que hoje. Nós somos seres nostálgicos.

E Deus viu que tudo o que fizera era muito bom. Ele vê a criação como um todo ordenado. Tudo o que existe é bom, porque procede de Deus e corresponde a seu propósito. Isto

significa que o universo possui uma perspectiva, um sentido e um significado.

A bênção de Deus transmite a força para a fertilidade. Entre os orientais, a fecundidade era objeto de culto; eram praticados rituais para estimular a fertilidade. O AT ensina que a fecundidade é uma bênção outorgada por Deus (Gn 1:11.24).

No plano original de Deus, o ser humano só deve se alimentar de plantas. Também os animais só deviam se alimentar de plantas (Gn 1:29-30).

Em Is 11:6-9 é mencionado que o leão e o boi comerão forragem. No reino do Messias haverá paz entre homens e animais. Ninguém matará o outro para se alimentar. Ninguém será predador. O plano original do Criador será restabelecido.

Depois do dilúvio, Deus permite o abate dos animais (Gn 9:3).

No entanto, havia no jardim a presença da serpente, sagaz e astuta. **Os humanos se depararam com a astúcia, que é uma porta aberta para o engano e a fraude.** Eles poderiam ter obedecido a Deus, mas preferiram se deixar enredar pela astúcia. Procuraram um atalho e se deram mal.

Cometido o erro, eles sentiram vergonha.

Em Gn 2:25 lemos que o homem e a mulher estavam nus e não sentiam vergonha um do outro. A nudez refere-se à exposição do corpo. Mas, no AT os conceitos nudez e vergonha vão além. Expressam também a fraqueza, a falta de proteção e a derrota. Isto significa que, **em seu estado de inocência, o homem e a mulher se aceitavam assim como eram.** Um não tirava proveito da fragilidade do outro. Sem o risco de um abusar das fraquezas do outro, também não havia necessidade de um se defender do outro.

O ser humano é falível e vulnerável. Mas, isso não precisa se constituir em problema, quando não existe a ânsia de um se afirmar sobre o outro. Portanto, no paraíso as pessoas não precisavam se defender umas das outras. As pessoas podiam conviver de um modo simples, em plena harmonia e sem sentimento de culpa. Com a desobediência adveio a vergonha.

"A nudez é aqui expressão de uma vida singela, sem sentimento de culpa e em perfeita harmonia consigo e com o próximo. Depois, como conseqüência do pecado, veio a ser

motivo de vergonha. Cf. Ez 16:37; Os 2:3", comenta a *Bíblia de Estudo Almeida*.

"O estado da existência é estado de alienação. O homem se acha alienado do fundamento de seu ser, dos outros seres, e de si mesmo" (Paul Tillich, *Teologia Sistemática*. P. 278).

Os testemunhos bíblicos da criação nos transmitem que a existência é uma luta, que é travada entre o Criador e Doador de toda a vida e os poderes desintegradores, que ameaçam a obra de Deus. **Nessa luta, o Criador permanece soberano e vitorioso, mesmo quando o caos se manifesta.**

A nossa fé em Deus está relacionada com a nossa cosmovisão. O universo e a totalidade da existência vêm a se constituir em campo de batalha.

Os gnósticos não conseguiram compreender o agir de Deus. Eles perguntavam: por que Deus, em sua perfeição, criou um mundo dominado pelo mal, a partir do qual nós precisamos ser redimidos? Eles resolveram essa questão estabelecendo uma distinção entre o Deus Criador e o Deus Redentor. O Deus Criador estaria subordinado ao Deus Redentor, pois este é exclusivamente constituído de bondade.

O AT é ousado, pois atribui tudo a Deus. Ele cria a luz, as trevas, a paz e o mal (Is 45:7). Deus destrói o que construiu, arranca o que plantou e envia desgraças (Jr 45:4-5). O bem e o mal procedem do Altíssimo (Lm 3:37-38). Deus cria o "dia da prosperidade" e também o "dia da adversidade" (Ec 7:14). O Senhor dá e também tira (Jó 1:21). Dele recebemos o bem e também o mal (Jó 2:10). "Sucederá algum mal à cidade, sem que o Senhor o tenha feito?" (Am 3:6). Com seu cântico, Ana exclama: "O Senhor é o que tira a vida e a dá; faz descer à sepultura e faz subir. O Senhor empobrece e enriquece; abaixa e também exalta" (1 Sm 2:6-7). O AT torna-se ainda mais ousado, quando afirma que de Deus procedem "o espírito de discórdia" (Jz 9:23); "o espírito de mentira" (1 Rs 22:19-23); "o espírito de vertigem" (Is 19:14); "o espírito de torpor" (Is 19:10). Para o israelita, o agir de Deus abrange e controla toda a realidade.

Compreende-se porque os gnósticos queriam manter distância do AT. E no seu confronto com o gnosticismo, Paulo argumentava com o Deus Criador do AT (1 Tm 4:4).

Deve ficar claro que o pensamento bíblico não é maniqueísta. O maniqueísmo foi iniciado pelo doutrinador

persa Mani, que ensinava que a realidade é constituída de dois princípios iguais e autônomos: o Bem e o Mal. Os dois princípios contraditórios, também denominados de Luz e Trevas, encontram-se em oposição irreduzível. A Bíblia não apresenta uma concepção dualista da realidade, pois deixa evidente que o Mal está permanentemente subordinado ao Criador, também em meio às catástrofes. O Criador mantém o controle sobre a realidade.

Conclusão lógica: o maniqueísmo rejeitou o AT.

Com sua dinâmica intrínseca, a criação tem começo, continuidade e alvo (Rm 11:36), culminando na nova criação (Ap 21:1; 2 Pd 3:13). O Deus da criação é o Deus da redenção.

Movido por seu amor, Deus concede a vida, e toda criatura é conclamada a reconhecer a sua existência como uma dádiva.

Derrotando as forças do caos, Deus quer estabelecer o seu reino. Afastada de Deus, a criatura está entregue à desintegração – física e espiritual. Paulo descreve esse estado como “entregue a Satanás” (1 Co 5:5).

Quando Paulo declara que “a criação está sujeita à vaidade” (Rm 8:20), ele se aproxima do Eclesiastes, que empregou 37 vezes o termo *hébel*, para se referir ao “sopro”, “o que não tem substância”, o “vazio”, o “oco”, o “hálito”, a “fumaça”. Quem sujeitou a criação à vaidade foi Deus.

Jesus ameaçou ao vento e ordenou ao mar que se calasse (Mc 4:39). É no mar que se encontram as forças hostis a Deus (Is 51:9-10; Dn 7:2-6; Sl 65:7; 73:13-14; 89:9-10; 93:3-4; 136:13). A mesma ordem de se calar, Jesus havia dirigido aos demônios (Mc 1:29). Segue-se a calma descrita no Sl 107:29. “A agitação do mar parece sugerir uma investida satânica, que Jesus reduz à impotência por sua palavra; em 1,25, ele *ameaça* e impõe silêncio a um espírito mau” (*Tradução Ecumênica da Bíblia*, comentando Mc 4:39).

O caos pode retornar (Is 24:18-20; Sl 18:8.16; Am 8:9; Jr 4:23-26; Is 13:9-11; Jl 2:10; Hc 3:6). “Abalaste a terra, fendeste-a; repara-lhe as brechas, pois ela ameaça ruir” (Sl 60:2).

No templo de Jerusalém havia “o mar de fundição” (1 Rs 7:23-36). Esse reservatório de água é representação simbólica do mar primordial. O significado cósmico refere-se ao oceano rebelde e dominado por Iahweh, que derrotou as forças do

caos. A presença desse símbolo no templo destina-se a transmitir a mensagem de que somos preservados pela providência de Iahweh.

O Sl 104:5-9 descreve a terra como estabelecida e livre do poder das águas do caos. Mas, nos salmos de lamentação da época do exílio, a luta de Iahweh com o caos tornou-se novamente atual (Sl 74:12-17; 77:12-21; 89:6-15). A experiência dramática do exílio levou o povo a atualizar a dinâmica da criação dentro do agir de Iahweh na história.

Jesus também caminhou sobre o mar (Mt 14:25). Os discípulos gritaram de medo e Jesus falou: "sou eu", apresentando-se do mesmo modo como Deus no AT (Ex 3:14). Jesus caminhou sobre a água, assim como Deus "caminha sobre o dorso do mar" (Jó 9:8). Enquanto Jesus esteve distante, os discípulos se depararam com as ondas do mar e com o vento contrário. Jesus dominou a adversidade e sua presença transmitiu paz. O barco representa a igreja, frágil e correndo o risco de afundar.

Jesus é vitorioso sobre todos os poderes hostis (Cl 2:14-15). O vencedor da batalha desfila levando os inimigos aprisionados. Jesus promoveu a reconciliação pela cruz, triunfando sobre todos os poderes espirituais. Assim como um general festeja a vitória e conduz os seus inimigos em cortejo triunfal pelas ruas, do mesmo modo Jesus Cristo submeteu as Dominações e as Potestades. Paulo se alegra por poder participar no cortejo triunfal de Cristo (2 Co 2:14).

Brunner declara que a criação deve ser compreendida a partir da redenção realizada em Jesus Cristo. O relato da criação em Gênesis deve ser compreendido a partir da mensagem do NT.

"Infelizmente a unicidade desta doutrina cristã da criação e do Criador é continuamente obscurecida pelo fato de os teólogos relatarem tanto em começar seu trabalho com o Novo Testamento; quando querem lidar com a criação, eles tendem a começar com o Antigo Testamento, embora nunca façam isto ao falarem do Redentor. A ênfase sobre a história da criação no início da Bíblia constantemente levou os teólogos a abandonar a regra que, de outra forma, seguiram, a saber: a base de *todos* os artigos de fé cristãos é a Palavra encarnada, Jesus Cristo. Desta forma, quando começamos a estudar o assunto da criação na Bíblia, deveríamos iniciar com o primeiro capítulo do Evangelho de João e algumas outras passagens do *Novo Testamento*, e não com o primeiro capítulo de Gênesis.

Se pudermos nos determinar a aferrar-nos a esta regra seremos poupados de muitas dificuldades, que ocorrerão inevitavelmente caso comecemos com a estória da criação no Antigo Testamento” (*A doutrina cristã da criação e da redenção*, citado por Braaten & Jenson).

O Hino Cristológico apresentado em Cl 1:15-20 proporciona a sustentação para o argumento de Brunner, que também cita o prólogo do evangelho de João (1:1-18). Observemos também Hb 1:2-3; Ef 1:10. O Hino Cristológico se inspirou em Pv 8:22-36, onde é mencionada a intermediação da Sabedoria na criação do universo. Paulo identificou a Sabedoria de Deus com Jesus Cristo (1 Co 1:30; 2:7). Em Jó 28:20-27 a Sabedoria é celebrada como propriedade característica do Altíssimo. João salientou que o *Logos* se tornou um ser humano e tudo foi feito por meio dele (Jo 1:1-18).

Percebe-se, no entanto, que Brunner se concentrou exclusivamente nos primeiros capítulos de Gênesis, não levando em consideração a imensa riqueza que os demais textos do AT contêm a respeito da atividade criadora de Deus, o que esta pesquisa pretende demonstrar.

Referindo-se à vitória sobre as forças hostis e caóticas, o autor do Apocalipse viu um anjo descer do céu, e ele “segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos” (20:2). Todos esses nomes mencionam o caos.

Na plenitude, no novo céu e na nova terra, “o mar já não existe” (Ap 21:1). O oceano primordial, caótico e rebelde desaparecerá. A morada dos poderes hostis deixará de existir. Essa restauração do universo havia sido anunciada pelo profeta Isaías (65:17; 66:22). “O objetivo último da criação não está situado no âmbito deste mundo” (Gustaf Aulén, *A Fé Cristã*, p. 157).

“As ambigüidades da vida são manifestas sob todas as dimensões, em todos os processos e em todos os reinos da vida. A busca da vida sem ambigüidade está latente em toda parte. Todas as criaturas anseiam por uma realização não ambígua de suas possibilidades essenciais, mas somente no homem, como portador do espírito, as ambigüidades da vida e a busca da vida sem ambigüidade se tornam conscientes”.

“Vida-sem-ambigüidade pode ser descrita como vida sob a direção da Presença Espiritual ou como vida no Reino de

Deus, ou como Vida Eterna” (Paul Tillich, *Teologia Sistemática*, p. 468).

“A busca de tal vida sem ambigüidade é possível porque a vida tem o caráter de autotranscendência” (Paul Tillich, *Teologia Sistemática*, p. 468).

Por ora, fica a impressão de que Deus está pedindo permissão para estar junto de suas criaturas. Deus sempre escolheu o caminho da humildade. Na condição de revelação suprema e definitiva de Deus, Jesus de Nazaré “se esvaziou, assumindo a forma de servo” (Fl 2:7). E como foi a acolhida? “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus” (Jo 1:11-12). A manifestação de Deus é até paradoxal: seu poder está na cruz (1 Co 1:18). No entanto, junto a Deus, a criatura vivencia proteção para a sua vida; a pessoa se sente protegida de todas as forças desintegradoras. Acontece assim a vivência do amor divino. Deus não remove as dificuldades, mas ampara e dá forças para superá-las.

Enquanto a plenitude não for instaurada, somos todos conclamados a lutar. Encontramo-nos todos no mesmo planeta, pequeno e frágil dentro da imensidão do universo. Quando o caos se manifesta, causando terremotos, maremotos, ondas gigantes, inundações e tragédias da natureza, resta-nos a atitude da solidariedade. Afinal, estamos vivos pela graça de Deus. O salmista entendeu essa dimensão ao se dirigir a Deus, exclamando: “a tua graça é melhor do que a vida” (Sl 63:3). Por ora, precisamos entender que toda a realidade se apresenta com sua polaridade. Valorizamos a saúde, porque existe a possibilidade da doença. Compartilhamos o riso e o amor, porque o choro e o ódio também podem se fazer presentes. Deparamo-nos com a alternância de alegria e tristeza. O Eclesiastes entendeu muito bem a dinâmica da vida. Tudo vem aos pares, menos o Absoluto. Enquanto constatamos que “o ser é finito, a existência é autocontraditória e a vida é ambígua” (Tillich, *Teologia Sistemática*, p. 75), nós almejamos que venha o dia em “que Deus seja tudo em todos” (1 Co 15:28).

Referências

ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. Petrópolis: Vozes, 1975.

AULÉN, Gustaf. *A Fé Cristã*. São Paulo: ASTE, 1965.

Bíblia de Estudo Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus Editora, 2006.

Bíblia do Peregrino. Tradução e comentários: Luís Alonso Schökel. São Paulo: Paulus Editora, 2002.

BRAATEN, Carl E. & JENSON, Robert W. *Dogmática Cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

FERREIRA, Julio Andrade (Org). *Antologia Teológica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

GUNNEWEG, Antonius H. J. *Teologia Bíblica do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Teológica e Edições Loyola, 2005.

McKENZIE, John. *Os grandes temas do Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1971.

PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática* (3 volumes). São Paulo: Academia Cristã e Paulus Editora, 2009.

PRENTER, Regin. *Schöpfung und Erlösung* [Criação e redenção]. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1958.

TILLICH, Paul. *Teologia Sistemática*. São Leopoldo: Sinodal e São Paulo: Paulinas, 1984.

Tradução Ecumênica da Bíblia - TEB. São Paulo: Edições Loyola, 1997, 5. ed.